



A fruta que mudou de dono: biopirataria, colonialismo botânico e a trajetória da laranja-de-umbigo do Cabula

Amilca Maria de Lima Fernandes¹, Andréia Bárbara Serpa Dantas², Tais Danila Macêdo da Cruz³, Débora Carolina Abreu Pires⁴, Ana Maria Martins Souto⁵, Telma Lucia Pereira da Silva⁶, Moselene Costa dos Reis⁷, Fernanda Pereira de Brito⁸, Thaís França de Barros Conceição⁹, Noádyia Cristina Oliveira da Cruz¹⁰, Vera Lúcia Santos de Jesus¹¹, Edileuza Moura Candido da Silva¹²



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p1969-1990>

Artigo recebido em 21 de Julho e publicado em 31 de Agosto de 2025

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

Este artigo teve como objetivo analisar criticamente a trajetória histórica da laranja-de-umbigo (*Citrus sinensis* var. *umblicata*), originária do Quilombo Cabula (Salvador, Bahia), destacando seu processo de biopirataria, transferência para os EUA e declínio no Brasil. Busca-se compreender os fatores que levaram à hegemonia californiana dessa cultivar (comercializada como *Washington Navel*) e a ausência de políticas públicas para seu resgate no território de origem. A pesquisa combina revisão bibliográfica, análise documental de fontes históricas e dados de comércio agrícola. Fundamenta-se nos conceitos de biopirataria, colonialismo botânico e injustiça socioambiental, discutindo como a apropriação de saberes tradicionais e recursos genéticos reforça desigualdades globais. Parte-se da noção de que a biopirataria é um desdobramento do colonialismo científico, onde conhecimentos e biodiversidade do Sul Global são explorados sem benefícios às comunidades originárias. A laranja-de-umbigo exemplifica esse processo, tendo sido extraída do Cabula e transformada em *commodity* pelos EUA, enquanto o Brasil não capitalizou seu potencial. Identificou-se que a transferência clandestina da cultivar para a Califórnia, no século XIX, permitiu seu sucesso comercial, enquanto o Cabula, desprovido de apoio técnico e políticas de preservação, viu sua produção declinar. Conclui-se que a história da laranja-de-umbigo reflete dinâmicas de espoliação colonial, exigindo ações reparatórias e valorização dos saberes tradicionais associados a essa variedade.

Palavras-chave: Biopirataria; Colonialismo botânico; Laranja-de-umbigo; *Washington Navel*.



The fruit that changed owner: biopiracy, botanical colonialism and the trajectory of the Cabula navel orange

ABSTRACT

This article critically analyzes the historical trajectory of the navel orange (*Citrus sinensis* var. *umbilicata*), originally from the Quilombo Cabula (Salvador, Bahia), highlighting its biopiracy, transfer to the United States, and decline in Brazil. The article seeks to understand the factors that led to the Californian hegemony of this cultivar (marketed as Washington Navel) and the lack of public policies to revive it in its territory of origin. The research combines a bibliographic review, documentary analysis of historical sources, and agricultural trade data. It is based on the concepts of biopiracy, botanical colonialism, and socio-environmental injustice, discussing how the appropriation of traditional knowledge and genetic resources reinforces global inequalities. It begins with the notion that biopiracy is an offshoot of scientific colonialism, where knowledge and biodiversity from the Global South are exploited without benefit to indigenous communities. The navel orange exemplifies this process, having been extracted from the Cabula region and transformed into a commodity by the US, while Brazil failed to capitalize on its potential. It was found that the clandestine transfer of the cultivar to California in the 19th century enabled its commercial success, while Cabula, lacking technical support and conservation policies, saw its production decline. It is concluded that the history of the navel orange reflects dynamics of colonial dispossession, requiring reparations and the valorization of the traditional knowledge associated with this variety.

Keywords: Biopiracy; Botanical Colonialism; Navel Orange; Washington Navel.

Instituição afiliada – ¹Mestra em Estudo de Linguagens (UNEB). Professora da Educação Básica da rede pública estadual da Bahia; ²Doutoranda em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (UFRPE). Professora da Educação Básica da rede pública estadual da Bahia; ³Especialista em Gestão Escolar (UFBA). Professora de Biologia e de AEE da rede pública estadual da Bahia; ⁴Especialista em Língua Inglesa (UNIFACS). Professora de Inglês da rede estadual de ensino da Bahia; ⁵Especialização em Gestão Governamental (UNEB). Professora de História da rede estadual de ensino da Bahia; ⁶Especialização em Psicopedagogia Institucional (ISEAC). Professora de Matemática da rede pública estadual da Bahia; ⁷Doutoranda do Programa de Educação Científica e Formação de Professores (UESB). Professora da Educação Básica da rede pública estadual da Bahia; ⁸Mestra em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT. Professora da Educação Básica da rede pública estadual da Bahia; ⁹Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica (FAC Candeias-BA). Professora da Educação Básica da rede pública estadual da Bahia; ¹⁰Mestra em Estudos de Linguagens – Campus I (UNEB). Professora de Linguagens da Educação Básica da rede pública estadual da Bahia. ¹¹Graduada em Geografia pela Universidade Católica de Salvador (UCSal). Pós-graduada em Geoprocessamento (Unyleya). ¹²Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – Campus I (UNEB). Professora de Linguagens da Educação Básica da rede pública estadual da Bahia.

Autor correspondente: Andréia Bárbara Serpa Dantas andreiaserpa@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

O vocábulo "Cabula", com raiz etimológica no termo quicongo /*kimbula*/ pertencente ao tronco linguístico banto, segundo Castro (2001), foi ressignificado pelos africanos escravizados no Brasil colonial como denominação para seu espaço de resistência. Para as comunidades congo-angolanas transplantadas à força para a Bahia no século XVI, esta designação carregava profunda carga simbólica e litúrgica, representando conceptualmente um "Espaço de Refúgio das Aflições", *locus* físico e espiritual de proteção contra a violência escravista (Nunes, 2015). O Quilombo Cabula estabeleceu-se em área de excepcional riqueza ecológica, caracterizada por densos remanescentes de Mata Atlântica e abundante rede hidrográfica, composta por múltiplos cursos d'água e nascentes que garantiam sua autonomia produtiva (Vidal, 2021).

Esta comunidade quilombola distinguia-se por seu caráter plural e inclusivo, acolhendo não apenas africanos e afrodescendentes, mas toda pessoa marginalizada pelo sistema colonial, independentemente de origem étnica. Registros históricos atestam a convivência harmoniosa entre quilombolas e indígenas Tupinambá, configurando um espaço interétnico de resistência. As manifestações culturais do Cabula, particularmente seus ritmos percussivos, ecoavam pelas matas e alcançavam os limites da Cidade do Salvador, constituindo-se como forma de comunicação codificada e, simultaneamente, como instrumento psicológico de intimidação aos senhores de escravos. Essas performances sonoras, profundamente enraizadas nas tradições congolezas, atuavam como evocação dos espíritos ancestrais, perturbando a consciência dos opressores coloniais (Barqueiro, 2011; Fernandes, 2003; Martins, 2018).

A ameaça representada por este núcleo de resistência motivou a ação repressiva do Conde da Ponte, então Governador e Capitão-General da Bahia. Em 29 de março de 1807, ordenou ao Capitão-Mor Severino da Silva Lessa a organização de expedição punitiva que resultou na destruição sistemática do quilombo - incluindo a queima de habitações, captura de setenta e oito indivíduos (entre escravizados, libertos e lideranças) e desarticulação completa da comunidade. Essa operação militar é documentada minuciosamente no relatório de Pedreira (1973). Posteriormente, as terras do extinto quilombo, originalmente propriedade da aristocrática família Niza,



foram transferidas em 1839 para o capitão Thomaz da Silva Paranhos, que iniciou processo de parcelamento e arrendamento do território. Esta transição marcou a transformação do espaço de resistência em zona de produção agrícola, com destaque para o cultivo da laranja de umbigo que, nas décadas seguintes, ganharia projeção internacional, conforme registrado por Teixeira (1978).

A reconversão econômica do território quilombola em área produtiva representou, paradoxalmente, tanto a continuidade de sua vocação agrícola quanto o apagamento progressivo de sua memória como espaço de liberdade e resistência cultural. A laranja-de-umbigo, denominada regionalmente como laranja Bahia ou laranja-da-terra, possui uma história profundamente entrelaçada com a formação socioespacial do Quilombo Cabula, importante núcleo de resistência negra localizado na periferia de Salvador. Sua emergência como cultivar distinta, provavelmente através de mutação espontânea da laranja-seleta no início do século XIX, representou um significativo avanço pomológico devido às suas características fenotípicas singulares, destacando-se a protuberância umbilical e a partenocarpia. Contraditoriamente, não obstante seu evidente potencial agroeconômico, a produção em escala comercial nunca se consolidou no território brasileiro, enquanto a Califórnia ascendeu como polo hegemônico de produção após a transferência ilegítima de material genético orquestrada por agentes estrangeiros no final do século XIX.

Este estudo busca descrever a trajetória histórico-agrícola dessa variedade, desde sua gênese no contexto quilombola até sua diáspora transcontinental, analisando os elementos estruturais que concorreram para o colapso de seu cultivo na região de origem e a persistente negligência estatal quanto a políticas de revitalização dessa cultura. Dessa forma, este artigo teve como objetivo analisar criticamente a trajetória histórica da laranja-de-umbigo (*Citrus sinensis* var. *umbilicata*), originária do Quilombo Cabula (Salvador – Bahia), destacando seu processo de biopirataria, transferência para os EUA e declínio no Brasil. Trata-se não apenas de elucidar um capítulo negligenciado da história agrícola brasileira, mas também fomentar reflexões críticas sobre os mecanismos de apropriação de recursos genéticos e as possibilidades de reconstrução de cadeias produtivas com base em princípios de justiça cognitiva e soberania alimentar.



METODOLOGIA

A presente pesquisa adotou uma abordagem metodológica multifacetada, fundamentada em rigorosa revisão bibliográfica interdisciplinar que articulou distintas áreas do conhecimento. O *corpus* documental foi constituído mediante criteriosa seleção de fontes históricas primárias, incluindo registros oficiais do período colonial e imperial, correspondências administrativas, relatos de viajantes estrangeiros do século XIX e documentos cartoriais que permitiram reconstituir a trajetória socioespacial do Quilombo Cabula e sua transição para área agrícola. Paralelamente, foram analisados estudos acadêmicos especializados em citricultura comparada, com ênfase nas análises diacrônicas que estabelecem paralelos entre os sistemas produtivos brasileiro e norte-americano.

A investigação incorporou amplo levantamento de relatórios técnicos produzidos pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), particularmente aos voltados para a história agronômica da laranja-de-umbigo, bem como artigos científicos indexados em bases internacionais que abordam o processo de aclimatização e domesticação da *Washington Navel* no ecossistema californiano. Esses documentos foram submetidos a análise crítica mediante a aplicação de ferramentas conceituais provenientes de três eixos teóricos principais: a História Ambiental, que permitiu compreender as interações entre sociedade e natureza no processo de formação dos agroecossistemas; a Economia Agrícola, que forneceu o instrumental para análise das cadeias produtivas e suas assimetrias; e os Estudos Pós-Coloniais, que possibilitaram desvelar as relações de poder imbricadas nos processos de transferência tecnológica e apropriação de saberes tradicionais.

A triangulação metodológica adotada - combinando análise documental, revisão bibliográfica sistemática e abordagem teórica interdisciplinar - permitiu construir uma narrativa histórica multidimensional, capaz de articular as dimensões técnica, econômica, política e cultural do fenômeno investigado. Particular atenção foi dedicada à crítica das fontes, com verificação cruzada de informações entre documentos oficiais, relatos históricos e literatura especializada, visando superar as limitações inerentes a cada tipo de registro isoladamente considerado. A abordagem metodológica mostrou-se adequada para compreender a complexidade de um objeto situado entre história



agrária, estudos da escravidão e sistemas agrícolas comparados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

GÊNESE DA LARANJA DE UMBIGO NO QUILOMBO CABULA

O Quilombo Cabula constituiu-se como espaço de resistência sociocultural de notável complexidade étnica, formado predominantemente por africanos das nações banto e iorubá, com significativa presença de indígenas Tupinambá e incorporação estratégica de outros grupos marginalizados pelo sistema colonial (Vidal, 2021). Esta configuração plural conferia ao quilombo características singulares de organização social, onde saberes agrícolas africanos e indígenas se amalgamavam em práticas produtivas adaptadas às condições ecológicas locais. O território quilombola destacava-se por sua excepcional fertilidade edafoclimática, compreendendo extensos remanescentes de Mata Atlântica primária e uma densa rede hidrográfica composta por rios perenes e nascentes abundantes - fatores que asseguravam tanto a autonomia alimentar quanto vantagens defensivas contra as incursões coloniais.

Com a dissolução formal do quilombo no limiar do século XIX, o território do Cabula passou por um processo de reconversão produtiva, caracterizado pela emergência de unidades agrícolas que adotaram a *Citrus sinensis* var. *umbilicata* - popularmente denominada laranja-de-umbigo ou laranja-da-Bahia - como cultura predominante. Essa variedade, resultante de provável mutação espontânea da laranja-seleta (introduzida pelo colonizador português), teve suas características fenotípicas estabilizadas mediante técnicas de enxertia realizadas por agricultores lusos radicados na região (Passos, 1999).

A cultivar distinguia-se por atributos organolépticos excepcionais: frutos partenocárpicos (300g-350g) de formato esférico-umbilicado, casca espessa com pigmentação alaranjada intensa e completa ausência de sementes (Passos, 1999). Tais qualidades, associadas ao aroma marcante que permeava os laranjais, não apenas tornaram-se elemento distintivo da paisagem agrícola do Cabula, como também despertaram o interesse de naturalistas e comerciantes estrangeiros. Essa demanda externa permitiu a integração da produção em circuitos mercantis transnacionais, ultrapassando a função de mero abastecimento do mercado soteropolitano.



A atividade citrícola coexistia com a produção canavieira de pequena escala e o cultivo de olerícolas, configurando um sistema agrícola diversificado. A comercialização urbana era predominantemente realizada por trabalhadores negros – escravizados ou libertos – conhecidos como negros de ganho, que utilizavam equídeos (jumentos ou burros) para transportar os frutos em cestos, propagando pelo tecido urbano de Salvador o característico pregão: "Laranja, laranjinha doce!" (Carvalho, 1997). Este fenômeno evidencia a intrínseca relação entre a produção agrícola periférica e a economia urbana colonial.

O apogeu da citricultura no Cabula, contudo, foi abruptamente interrompido por uma conjunção de fatores adversos no limiar do século XX. A epidemia da "tristeza dos citros" (CTV), doença viral transmitida por afídeos, dizimou extensas áreas cultivadas, revelando a vulnerabilidade fitossanitária dos pomares (Passos, 1999). Paralelamente, o processo acelerado de urbanização da região, acompanhado pelo assoreamento sistemático dos corpos hídricos - fenômeno que alguns autores interpretam como ação antrópica deliberada - comprometeu irremediavelmente a disponibilidade hídrica, fator crítico para a manutenção dos laranjais. Na contemporaneidade, embora persistam cultivos residuais em diversos estados brasileiros, a produção nacional mostra-se insignificante quando comparada ao volume e relevância econômica alcançados pela Califórnia, evidenciando uma histórica incapacidade de valoração do patrimônio fitogenético autóctone.

O episódio de 1870, quando o reverendo presbiteriano F.I.C. Schneider (figura 1), em conluio com o fazendeiro Teixeira, coordenou o envio clandestino de mudas para os Estados Unidos, configura um dos casos mais emblemáticos de biopirataria na história agrícola brasileira (Passos, 1999).

Figura 1 - Reverendo Francisco J. C. Schneider



Fonte: McClelland (2014).

Figura 2 - William Saunder



Fonte: McClelland (2014).

Figura 3 - Eliza Tibbets



Fonte: McClelland (2014).



A mediação do horticultor William Saunders (figura 2), do Departamento de Agricultura norte-americano, que direcionou exemplares para Eliza Tibbets (figura 3) na Califórnia, revela as redes transnacionais de apropriação de recursos genéticos (Passos, 1999).

O sucesso extraordinário do cultivo californiano deveu-se não apenas às condições edafoclimáticas mediterrâneas, mas principalmente aos investimentos maciços em pesquisa e desenvolvimento que permitiram a otimização produtiva – contrapondo-se à absoluta negligência brasileira com sua cultivar nativa.

O rebatismo da variedade como "*Washington Navel*" consagrou uma estratégia de apagamento das origens brasileiras, enquanto sua transformação em *commodity* agrícola movimentou a economia dos EUA e evidencia as profundas assimetrias nas relações internacionais de produção agrícola.

Figura 4 - Rótulo *Washington Navel Orange*



Fonte: McClelland (2014).

A análise multifatorial do fracasso brasileiro revela: (1) ausência de políticas públicas para contenção de pragas e revitalização dos pomares; (2) opção estratégica pela laranja-pera voltada ao processamento industrial; (3) urbanização desordenada do Cabula com consequente degradação ambiental; e (4) completa desconsideração do valor histórico-cultural associado ao cultivo, particularmente seus vínculos com o patrimônio quilombola. Este complexo de fatores ilustra a incapacidade estrutural do país em valorizar seus recursos fitogenéticos, perpetuando dinâmicas de dependência tecnológica e subalternidade no cenário agrícola global.



A CULTIVAÇÃO E VALORIZAÇÃO DA LARANJA-DE-UMBIGO NO CONTEXTO AGRÍCOLA CALIFORNIANO

O estado da Califórnia consolida-se como ator hegemônico no cenário global de produção da laranja *Washington Navel*, com um volume médio anual que alcança aproximadamente 1,56 milhão de toneladas métricas, conforme dados do *site STAT* (2024). Este quantitativo representa cerca de setenta por cento da oferta nacional estadunidense de laranjas destinadas ao consumo in natura, posicionando a região como principal exportadora mundial desta variedade específica. A preeminência californiana neste segmento do mercado citrícola não se limita à esfera produtiva, mas estende-se a todo um complexo agroindustrial altamente especializado.

A análise do impacto econômico desta atividade revela cifras significativas: o valor bruto da produção atinge anualmente a marca de 2,55 bilhões de dólares americanos nas safras de 2023-2024, segundo relatório do USDA/NASS (2024). Quando considerados os efeitos multiplicadores decorrentes das atividades correlatas – incluindo processamento industrial, logística especializada e operações de comércio exterior – o montante total ultrapassa a barreira dos 30 bilhões de dólares, conforme projeções da California Citrus Mutual (2023). Esta ampliação do valor econômico decorre de um conjunto articulado de fatores estratégicos que merecem análise detalhada.

A produção de laranja-de-umbigo na Califórnia configura-se como um pilar de significativa relevância econômica para os Estados Unidos, cuja avaliação transcende a mera mensuração do valor bruto de vendas. De acordo com estudos conduzidos pelo Departamento de Alimentos e Agricultura da Califórnia (CDFA) e por instituições acadêmicas, como a Universidade da Califórnia, Riverside, o impacto macroeconômico incorpora uma cadeia de valores que abrange a remuneração da mão de obra, o consumo de insumos e, de modo crucial, os efeitos multiplicadores decorrentes da circulação de renda em setores interconectados (Babcock, 2018).

No ano de 2023, correspondente à safra 2022/23, o setor enfrentou adversidades climáticas de grande monta, com a ocorrência de precipitações atmosféricas e geadas que comprometeram o volume da produção. Conforme dados do *National Agricultural Statistics Service* (NASS), órgão do *United States Department of Agriculture* (USDA), a colheita foi estimada em aproximadamente 4,9 milhões de



toneladas, uma queda de 12% em relação a 2021-22 (Citrus Industry, 2023). Contudo, a lei de mercado impôs uma dinâmica de compensação: a escassez relativa da oferta, aliada a uma demanda sustentada, elevou o valor de venda a porta da fazenda. Estima-se que o rendimento bruto na safra 2022/23 de laranjas, segmento no qual a variedade *Navel* é preponderante, foi de US\$ 2,58 bilhões (United States, 2023). Segundo o Nass (2024) a estimativa da safra de 2024/25 de laranja-navel, foi de 78 milhões de caixas, o que correspondeu a um aumento de 2% em relação ao ano anterior. Esses dados reforçam o papel estratégico deste commodity agrícola na geração de riqueza e estabilidade socioeconômica regional.

A cadeia produtiva da laranja-de-umbigo californiana manifesta seus impactos econômicos mais profundos por meio do processamento industrial e a inserção no comércio exterior. Estes eixos funcionam como potentes mecanismos de multiplicação econômica, um conceito que se refere ao impacto adicional gerado na economia inicialmente gasta na produção primária. Tal dinâmica transforma a atividade agrícola em um vetor de desenvolvimento regional integrado, catalisando benefícios que transcendem em muito os limites dos pomares.

O comércio exterior, por sua vez, consolida-se como um *driver* crucial para a sustentabilidade e lucratividade do setor. A exportação da citricultura californiana produz impactos macroeconômicos tangíveis pela entrada de capitais estrangeiros fortalecendo a balança comercial norte-americana e conferindo resiliência à economia nacional. Ademais, as exportações ativam um robusto multiplicador da cadeia logística, impulsionando setores inteiros que fornecem serviços especializados: transporte marítimo e aéreo refrigerado, armazenagem em centros de distribuição climatizados, despachantes aduaneiros, companhias de seguros e instituições financeiras que operam com crédito de comércio exterior.

A manutenção da competitividade da laranja-de-umbigo californiana no cenário global é resultado de uma estratégia estruturante e multifacetada, que transcende a esfera produtiva e incorpora elementos sofisticados de gestão fitossanitária, controle de qualidade, construção de marca e logística integrada. Esta abordagem sistemática transformou a commodity agrícola em um produto de alto valor agregado, garantindo sua lucratividade e acesso privilegiado aos mercados internacionais mais exigentes (California Citrus Mutual, 2023).



O setor de laranja-de-umbigo na Califórnia combina protocolos técnicos avançados, como o tratamento por frio (*cold treatment*) validado pelo USDA, com um modelo institucional de padronização e garantia de qualidade, regulado pelos *Federal Marketing Orders*, que definem parâmetros de maturação, calibre, aparência e embalagem (United States, 1999). Esse conjunto de medidas assegura a integridade do produto, protege a reputação da marca coletiva "*California Navel Orange*" e garante uma experiência consistente ao consumidor.

A consolidação no mercado internacional é ainda sustentada por uma estratégia agressiva de *branding* (gestão de uma marca) e *marketing*. A construção de marcas fortes e reconhecidas globalmente, como a Sunkist, comunica ao consumidor valores intangíveis de qualidade, confiabilidade e prazer sensorial, permitindo a captura de um premium de preço (Sunkist Growers, 2014). Campanhas de promoção internacional, frequentemente cofinanciadas por programas federais como o *Market Access Program* (MAP), trabalham para ampliar a demanda e educar consumidores em mercados-alvo sobre os atributos distintivos do produto californiano (United States, 2025)

A eficiência operacional é garantida por uma logística de cadeia fria integrada e de alta tecnologia. O investimento em *packing houses* (Galpões de beneficiamento) automatizados, onde a fruta é lavada, selecionada, calibrada e embalada em ambiente refrigerado, e em uma rede logística que mantém a temperatura controlada desde a colheita até o ponto de venda no exterior (*warehouses* – centros de distribuição – climatizados, transporte refrigerado), é decisivo para preservar a qualidade organoléptica e a vida útil do produto durante longas travessias marítimas. Esta capacidade logística, somada à contínua diversificação de mercados e à abertura de novas fronteiras comerciais na Ásia, permite à Califórnia mitigar riscos de concentração de demanda e estabilizar sua receita, consolidando sua liderança global no fornecimento de frutas cítricas premium (California Citrus Mutual, 2023; Sunkist Growers, 2014; United States, 2023).

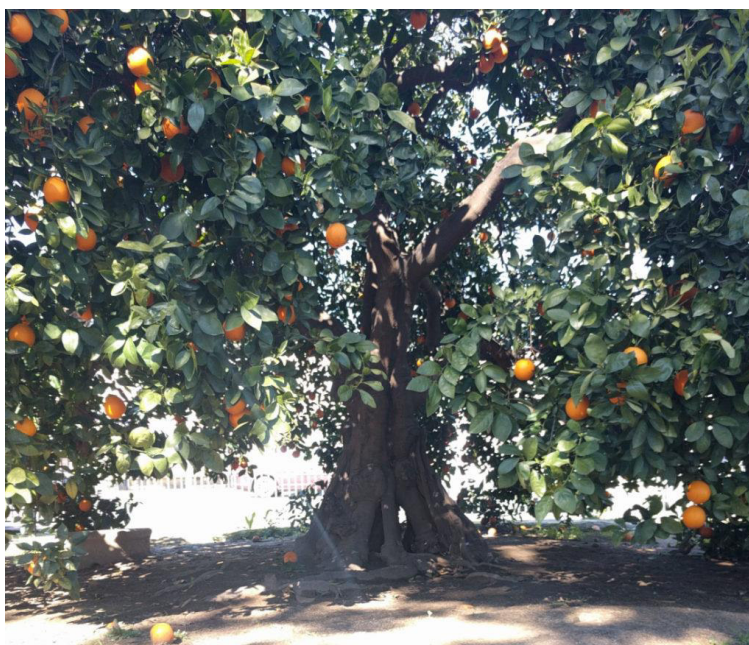
Por fim, destaca-se a eficácia da estratégia de *branding*, que através do rebatismo da cultivar e construção de uma identidade de marca distinta, permitiu a criação de valor simbólico e econômico, dissociando progressivamente o produto de suas origens brasileiras.

Enquanto a Califórnia estabeleceu um modelo bem-sucedido de agregação de



valor, o Brasil - detentor original do patrimônio genético - assistiu ao progressivo esvaziamento da produção em larga escala desta variedade, optando por concentrar seus recursos na laranja-pera, voltada predominantemente para a industrialização de sucos. Atualmente, a produção brasileira de laranja-de-umbigo é muito pequena e o país costuma importar esta espécie da Espanha, Uruguai, Argentina e Chile (FAO, 2023; Santos Filho, 2023). Esta dicotomia produtiva ilustra de maneira paradigmática como estratégias distintas de apropriação e gestão de recursos fitogenéticos podem gerar resultados econômicos radicalmente assimétricos. A trajetória da *Washington Navel* configura-se, assim, como estudo de caso emblemático das relações desiguais que permeiam o comércio agrícola global, onde a combinação entre inovação tecnológica, gestão empresarial sofisticada e estratégias de marketing pode converter recursos biológicos originários de países periféricos em fontes de riqueza para economias centrais, enquanto as nações de origem permanecem à margem dos benefícios econômicos mais substantivos.

Figura 5 - Tronco da laranjeira-mãe *Washington Navel*, Riverside, Califórnia



Fonte: Alder (2020).

A figura 5, ilustra a espécie mais antiga do mundo e constitui um descendente direto dos exemplares de *Citrus sinensis* var. *umbilicata*, introduzidos no território californiano a partir de material genético originário da Bahia (Brasil), tendo sido



inicialmente cultivado por Eliza Tibbets na região de Riverside, no final do século XIX (Sanden, 2012). Esta linhagem demonstrou extraordinária adaptação edafoclimática, tornando-se o fundamento genético para o desenvolvimento da citricultura comercial de laranjas '*Washington Navel*' no estado da Califórnia. Atualmente, essa cadeia produtiva configura um setor econômico estratégico, com valorização estimada na ordem de bilhões de dólares anuais (California Citrus Mutual, 2023). Reconhecida como a “Mãe da Laranja-Umbigo” e da “Indústria da Laranja”, Tibbet deixou um legado para a Califórnia superior ao da extração de ouro (passos, 1999).

O exemplar primário mantém-se preservado *in situ*, recebendo proteção jurídica como bem de relevância histórico-agrícola. Sua permanência simboliza não apenas o êxito da aclimatização desta cultivar tropical em condições mediterrâneas, mas também representa um marco na formação do complexo citrícola do Vale do Rio Grande californiano (Dorsett, Shamel, Popenoe, 1917).

Este documento integra o acervo do *Digital Commonwealth*, um repositório digital que agrega coleções de bibliotecas, arquivos e museus do estado de Massachusetts, com ênfase em materiais de relevância histórica. A Laranjeira *Parent Navel* (*Parent Navel Orange Tree*), localizada em Riverside, Califórnia, constitui um marco fundamental na história da citricultura norte-americana. Trata-se de um dos primeiros exemplares da variedade *Washington Navel* – originalmente denominada laranja-de-umbigo baiana – que se adaptou com êxito ao cultivo nos Estados Unidos após sua introdução, de forma *não oficial*, proveniente do Brasil no ano de 1870 (Passos, 1999).

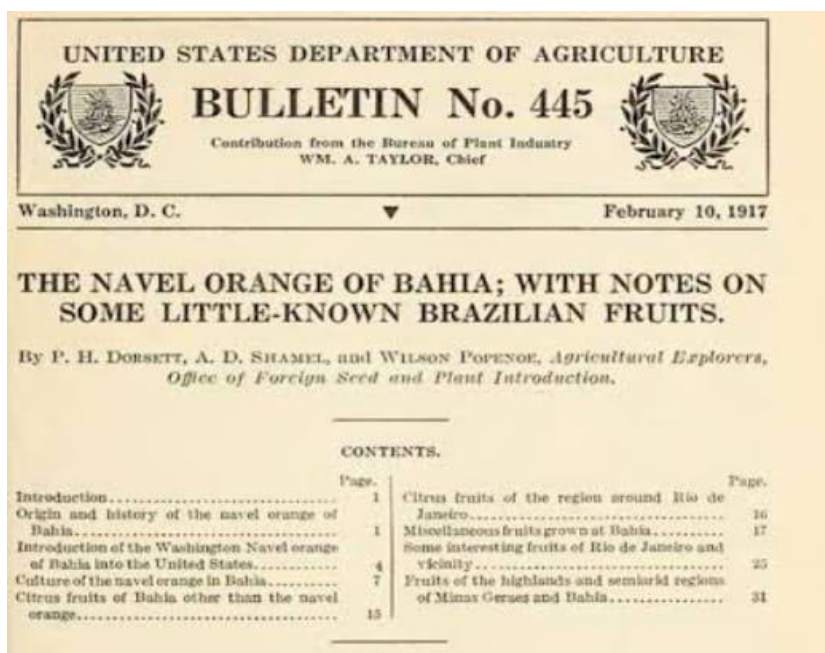
Foi publicado, em 1917, o Boletim nº 445 do *United State Department of Agriculture*, do órgão americano equivalente ao Ministério da Agricultura, o resultado de investigação feita por três de seus pesquisadores: Dorsett, Shamel, Popenoe (1917), os quais foram enviados ao Brasil, com o objetivo de analisar e mapear diversas frutas nativas brasileiras, incluindo, mas não se limitando a, palma de dendê, sapoti, jaboticaba, licuri, pitanga, caju, pitomba, jenipapo, juá, limão do mato, fruta do conde, manga e pera do campo.

A missão consistiu em analisar minuciosamente as condições ideais para o cultivo dessas espécies, abrangendo aspectos como técnicas de plantio, manejo agrícola, exigências climáticas, disponibilidade hídrica e características edáficas, culminando na



produção de um documento publicado ainda no mesmo ano. Esse estudo representou um marco significativo no registro sistemático de recursos botânicos brasileiros, ocorrendo 45 anos após um episódio anterior de biopirataria envolvendo as laranjas-de-umbigo do Cabula, cuja introdução e cultivo na Califórnia haviam sido notavelmente bem-sucedidos, demonstrando o potencial econômico e agrícola da flora brasileira em contextos internacionais (Dorsett, Shamel, Popenoe, 1917).

Figura 6 – Boletim nº 445 do *United States Department of Agriculture*



Fonte: United States (1917).

A tradução para o português do referido Boletim é *A Laranja-da-Bahia (Umbigo), com Notas Sobre Algumas Frutas Brasileiras Pouco Conhecidas*, elaborado por Palemon Howard Dorsett, horticultor americano empregado pelo USDA (*United States Department of Agriculture*), Archibald Dixon Shamel e Wilson Popenoe, exploradores agrícolas (Passos, 1999).

A pesquisa conduzida pela equipe norte-americana não apenas documentou as particularidades agrônômicas das espécies investigadas, mas também refletiu o crescente interesse estrangeiro nos recursos naturais do Brasil, seja para fins científicos ou comerciais. O relatório produzido em 1917 serviu como um catálogo detalhado das condições necessárias para a adaptação dessas frutas em outras regiões, potencialmente facilitando sua introdução em sistemas agrícolas estrangeiros. Esse tipo de investigação, embora valiosa do ponto de vista científico, também levantava



questões sobre a apropriação de conhecimentos tradicionais e recursos biológicos sem necessariamente haver uma reciprocidade ou benefício claro para o país de origem. O caso das laranjas-de-umbigo, que haviam sido levadas décadas antes e se tornado um sucesso comercial na Califórnia, exemplificava as implicações econômicas dessas transferências, destacando a necessidade de mecanismos mais equilibrados de repartição de benefícios em contextos de exploração de biodiversidade.

Figura 7 - Marcador de laranjeira *Parent Washington Navel* (laranjeira-mãe).



Fonte: Kindig (2002).

Este marco histórico, instituído em 1920 como Marcador Oficial nº 20 do estado da Califórnia, consagra a relevância da atuação visionária de Eliza Tibbets (figura 3) para o desenvolvimento da citricultura estadunidense (California State Parks, 1920). O monumento perpetua o feito pioneiro ocorrido em 1873 em Riverside, quando Tibbets efetivou o primeiro cultivo bem-sucedido da cultivar *Washington Navel* em solo californiano – material genético com procedência comprovada no recôncavo baiano, Brasil (Reuther, 1973).

A narrativa epigráfica enfatiza o incomparável valor socioeconômico desta introdução botânica, qualificada como a intervenção frutícola de maior impacto econômico já realizada sob os auspícios do USDA no século XIX. Além de exaltar a iniciativa individual de Tibbets, o registro monumental cumpre função historiográfica ao assinalar o momento fundacional do complexo agroindustrial citrícola californiano, cuja



consolidação reconfigurou profundamente as bases da economia agrícola regional, transformando o Vale do Rio Grande em um dos principais polos produtores de frutas cítricas do mundo (Labossiere, 2004).

Localizado na cidade de *Riverside*, Califórnia, o Parque Histórico Estadual de Citrus da Califórnia constitui um espaço dedicado à preservação e divulgação da história cítrica da região. O parque oferece aos visitantes a oportunidade de percorrer extensos pomares, além de proporcionar uma série de atrações educativas e culturais que destacam a importância histórica e econômica da citricultura para o estado. Entre suas instalações mais notáveis, encontra-se o Museu da Laranja, um centro de exposições que documenta a trajetória do cultivo de laranjas na Califórnia, desde suas origens até seu papel como um dos pilares da agricultura local. Esse complexo não apenas celebra o legado da indústria citrícola, mas também serve como um recurso educativo, permitindo ao público compreender as transformações tecnológicas, sociais e econômicas associadas a essa atividade ao longo do século XX (California State Parks, 1920).

A existência desse museu e do parque histórico reflete a relevância cultural atribuída à citricultura na Califórnia, particularmente na região de *Riverside*, que desempenhou um papel central no desenvolvimento de variedades como a laranja-de-umbigo, introduzida a partir de mudas oriundas do Brasil no final do século XIX. A instituição não apenas preserva artefatos e documentos relacionados a essa história, mas também promove a conscientização sobre a evolução das técnicas agrícolas, o impacto econômico da exportação de frutas cítricas e a interação entre inovação agrônoma e desenvolvimento regional. Dessa forma, o parque funciona como um espaço de memória e educação, conectando o passado agrícola da Califórnia com discussões contemporâneas sobre sustentabilidade, patrimônio cultural e a importância histórica da biodiversidade cultivada. Vale ressaltar que nesse Parque está protegida, para visita à laranjeira-mãe (figura 7) da espécie laranja de umbigo do Cabula, aquela que foi traficada pelo missionário americano no século XIX (California State Parks, 1920).

Enfim, a Califórnia transformou uma variedade de origem quilombola em um produto de alto valor agregado, enquanto o Brasil, por falta de investimento em pesquisa, políticas agrícolas e preservação de patrimônio genético, permanece à margem desse lucrativo mercado. A história da *Washington Navel* exemplifica como a



apropriação de recursos fitogenéticos e estratégias de agronegócio podem definir a riqueza (ou pobreza) das nações no comércio global de commodities agrícolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de sua origem baiana, a produção da laranja-de-umbigo expandiu-se para outros estados, especialmente São Paulo e Minas Gerais, que hoje concentram a maior parte da produção nacional, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023). Essa dispersão geográfica, contudo, não foi acompanhada por uma valorização equitativa da história e do território que lhe deram origem. Enquanto essas regiões incorporaram a cultivar a seus complexos agroindustriais, beneficiando-se de infraestrutura, políticas de incentivo e acesso a mercados globalizados, o Cabula – berço genético e cultural dessa variedade – assistiu ao gradual desaparecimento de seus pomares, sufocado pelo avanço da urbanização desordenada. Os mananciais que outrora irrigavam os laranjais foram degradados, as fazendas históricas deram lugar a bairros periféricos, e rios como o Arifundi e a represa Cachoeirinha transformaram-se em canais de esgoto a céu aberto (Bahia, 2023). O silenciamento em torno desse patrimônio não é mero acaso, mas resultado de um processo estrutural que marginaliza territórios de matriz afro-brasileira, relegando suas contribuições agrobiodiversas ao esquecimento.

Essa disparidade levanta questões críticas sobre os critérios que orientam os investimentos na citricultura nacional. Por que São Paulo e Minas Gerais, estados sem vínculo histórico original com a cultivar, tornaram-se polos de produção, enquanto a Bahia – especialmente o Cabula – permanece à margem desse circuito econômico? A resposta reside em um conjunto de fatores interligados: a concentração de infraestrutura logística e industrial no Sudeste, a priorização de modelos agrônômicos em larga escala (incompatíveis com a agricultura tradicional quilombola) e a ausência de políticas públicas que articulem conservação da agrobiodiversidade com geração de renda local. O resultado é uma contradição gritante: o mesmo fruto que impulsionou economias regionais em outros estados tornou-se invisível em sua terra natal, não como fenômeno natural, mas como consequência de escolhas políticas e econômicas excludentes.



Reverter esse cenário exige mais que a reintrodução simbólica da laranja-de-umbigo no Cabula; demanda uma reestruturação das lógicas que governam o desenvolvimento agrícola. É preciso, em primeiro lugar, reconhecer o Quilombo Cabula como guardião legítimo desse patrimônio, integrando seus saberes tradicionais a estratégias de manejo adaptativo – como a criação de bancos de germoplasma comunitários e a certificação participativa de sementes. Em segundo lugar, urge vincular a recuperação ambiental da bacia hidrográfica local (com a despoluição do Arifundi e da represa Cachoeirinha) a projetos de agroecologia que restaurem não apenas a cultivar, mas todo o agroecossistema que a sustentava. Por fim, a inserção competitiva da Bahia no mercado citrícola nacional não pode repetir o modelo paulista de monocultura intensiva; deve, antes, explorar nichos de valor agregado, como a produção orgânica, o turismo de base comunitária e a vinculação a indicações geográficas que ressignifiquem a origem baiana como marca de identidade e qualidade.

A negligência histórica com o Cabula não é um destino inevitável, mas um ciclo que pode – e deve – ser rompido. Se a diáspora da laranja-de-umbigo pelo Brasil espelha as desigualdades regionais, sua possível reintegração ao território de origem pode simbolizar um novo paradigma: aquele em que a justiça agrária se constrói não pela imposição de modelos hegemônicos, mas pela reapropriação crítica e criativa dos próprios recursos bioculturais. O desafio, portanto, não é apenas resgatar uma árvore, mas replantar, em solo baiano, as raízes de um desenvolvimento que honre sua memória enquanto cultiva seu futuro.

REFERÊNCIAS

BABCOCK, Bruce A. *Economic Impact of California's Citrus Industry*. Riverside: University of California, Riverside; Citrus Research Board, 2018.

BAHIA, Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos da Bahia. Relatório Anual: Rios de Salvador – 2022. Salvador: **INEMA**, 2023. Disponível em: <http://www.inema.ba.gov.br>. Acesso em: 20 mai. 2025.

BARQUEIRO, Maria Hilda. A presença indígena na construção da cidade do Salvador. p.47. In: NASCIMENTO, Jaime; GAMA, Hugo (Orgs.). **A Urbanização em três tempos – Colônia, Império e República**. Vol 1. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2011.



CALIFORNIA CITRUS MUTUAL. **Economic Impact** Report 2023. Exeter: CCM, 2023. 45 p.
CALIFORNIA CITRUS STATE HISTORIC PARK. California **Citrus Park Museum. Riverside,**
CA, [20--]. Disponível em: <<https://www.californiacitruspark.com/museum/>>. Acesso
em: 17 jun 2025.

CALIFORNIA STATE PARKS. California Historical Landmark N° 20 – **Parent Washington**
Navel Orange Tree. Riverside, 1920. Disponível em:
<https://www.hmdb.org/m.asp?m=154354>. Acesso em: 25 jun. 2025.

CARVALHO, Álvaro. **Viagem sentimental a Bahia**, 1ª ed. Florianópolis, 1997.

CASTRO, Ieda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro.
Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

CITRUS INDUSTRY. U.S. Citrus production 2022/23: winners & losers. **Citrus Industry**,
29 nov. 2023. Disponível em: [https://citrusindustry.net/2023/11/29/u-s-citrus-](https://citrusindustry.net/2023/11/29/u-s-citrus-production-2022-23-winners-losers/)
[production-2022-23-winners-losers/](https://citrusindustry.net/2023/11/29/u-s-citrus-production-2022-23-winners-losers/). Acesso em: 17 jul. 2025.

DIGITAL COMMONWEALTH. **Parent Navel Orange Tree**, Riverside, California. [Boston]:
Digital Commonwealth, [20--]. 1 fotografia histórica. Disponível em:
<https://www.digitalcommonwealth.org/search?q=%22Parent+Navel+Orange+Tree%22>
. Acesso em: 10 jun. 2025.

DORSETT, Palemon Howard.; SHAMEL, Archibald Dixon; POPENOE, Wilson. The navel
orange of Bahia: with notes on some little-known Brazilian fruits. Washington, D.C.:
U.S. **Department of Agriculture**, 1917. Disponível em:
<<https://www.biodiversitylibrary.org/>>. Acesso em: 17 jun 2025.

EMBRAPA. **A Contribuição da Laranja Bahia para a Citricultura Mundial**: Estudos
Agrônômicos e Históricos. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica. 2015.

EMBRAPA. **Citricultura brasileira**: histórico e perspectivas. Brasília: Embrapa, 2022.
180 p.

FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. **Faostat: crops.** 2023.
Disponível em: https://www.fao.org/faostat/en/#rankings/commodities_by_country.
Acesso em: 08 de jun. de 2025.

FERNANDES, Rosali Braga. Las políticas de La vivieda em La ciudad de salvador y los
procesos de urbanización popular em El caso Del Cabula. Feira de Santana: UEFS, 2003.
FRESH FRUIT PORTAL. **Global Citrus Market Analysis** 2023. Santiago: FFP, 2023. 28 p.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produção de laranja.**
Brasília, DF: IBGE, 2023. Disponível em: [https://www.ibge.gov.br/explica/producao-](https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/laranja/br)
[agropecuaria/laranja/br](https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/laranja/br). Acesso em: 18 jun. 2025.



KINDIG, Michael. Parent Washington Navel Orange Tree Marker. **HMdb.org**. THE HISTORICAL MARKER DATABASE. September 22, 2002. Disponível em: <https://www.hmdb.org/m.asp?m=154354>. Acesso em: 29 jun. 2025.

LABOSSIÈRE, Regine. A Navel Worth Gazing At: Tree Made History. Plantas. **Los Angeles Times**. 2004. Disponível em: <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2004-aug-05-me-surround5-story.html>. Acesso em: 12 jun. 2025.

MARTINS, Luciana Conceição de Almeida. **História pública do Quilombo do Cabula**: representações de resistências em museu virtual 3D aplicada à mobilização do turismo de base comunitária. 2018.

MCCLELLAND, G. T. A introdução da laranja-baía de Washington na Califórnia. **Citrus Label Society**, 2014. Disponível em: <https://www.citruslabelsociety.com/articles/article-2014-01.html>. Acesso em: 16 jun 2025.

NASS, United States Department of Agriculture; California Department of Food And Agriculture. 2024-25 California Navel Orange Objective Measurement Report. Sacramento (CA): CDFA / **USDA-NASS**, 12 set. 2024.

NUNES, Davi. Cabula: resistência quilombola. **Blog Duque dos Banzos**. 2015. Disponível em: <https://ungareia.wordpress.com/2015/07/05/cabula-resistencia-quilombola-uma-ascendencia-cabulosa/>. Acesso em: 24 jul. 2025.

PASSOS, Orlando Sampaio. The History, Routes of Dispersion and the contribution of the Bahia (Navel) orange for the International citrus industry. In: SINGH, S.; GHOSH, S. P. (Ed.). **Citrus management**. Delhi: ISC/ICAR/NRCC, p.30-33.1999.

PEDREIRA, J. **A Extinção dos Quilombos na Bahia**: Documentos e Interpretações. Salvador: EdUFBA. 1973.

REUTHER, Walter. **The Citrus Industry**. Berkeley: University of California, 1973. Disponível em: <https://www.fao.org/3/ac482e/ac482e05.htm>. Acesso em: 25 jun. 2025.

SANDEN, Dave. How a Pioneering Woman and the Early USDA Launched a Second California "Gold Rush". **Blog USDA**. 2012. Disponível em: <https://www.usda.gov/about-usda/news/blog/how-pioneering-woman-and-early-usda-launched-second-california-gold-rush>. Acesso em: 15 jul. 2025.

SANTOS FILHO, Magno Guimarães Desempenho hortícola de germoplasma de Laranja-de-Umbigo no Recôncavo Baiano e na Chapada Diamantina, 2024. 140 f. Tese (Fitotecnia) - **Universidade Federal do Recôncavo da Bahia**, 2024.

SHAMEL, A. D. (1917). **The Navel Orange of Bahia**: Its History and Economic Importance. Washington: USDA Bulletin n. 445.



STAT. Higher California Navel Harvest. **STAT Communications Ltd.** 2024. Disponível em: https://www.statpub.com/index.php/gab/article/718268.html?utm_source. Acesso em: 15 jun. 2025.

SUNKIST GROWERS. **Newslink:** keeping growers informed. [S. l.], 1 ago. 2014. Disponível em: <https://growers.sunkist.com/wp-content/uploads/sites/4/2015/09/Newslink-080114.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2025.

TEIXEIRA, M. **Terras do Cabula:** História e Processo de Urbanização. Rio de Janeiro: Editora FGV. 1978.

UNITED STATES. Department of Agriculture. *Bulletin of the U.S. Department of Agriculture*, n. 445. [S.l.]: Nabu Press, 1917.

UNITED STATES. Department of Agriculture (USDA), **Agricultural Marketing Service** (AMS). California and Arizona Orange Grades and Standards. 1999. Disponível em: https://www.ams.usda.gov/sites/default/files/media/Orange_%28CA_and_AZ%29_Standard%5B1%5D.pdf. Acesso em: 30 jun. 2025.

UNITED STATES. Department of Agriculture. **Citrus Fruits Summary** 2023. Washington: USDA, 2023. 62 p. (Statistical Bulletin n. 1124). 2023.

UNITED STATES. Department of Agriculture. Foreign Agricultural Service. **Global Agricultural Information Network (GAIN) Reports**. Washington, DC: USDA FAZ. 2023. Disponível em: <https://fas.usda.gov/data>. Acesso em: 18 jul. 2025.

UNITED STATES. Department of Agriculture. Foreign Agricultural Service. **Market Access Program (MAP)**. Washington, DC, 2025. Disponível em: <https://www.fas.usda.gov/programs/market-access-program-map>. Acesso em: 29 jul. 2025.

USDA/NASS. Citrus Fruits 2024 Summary. National Agricultural Statistics Service. **United States Department of Agriculture**. August 2024. 2024. ISSN: 1948-9048. Disponível em: <file:///C:/Users/andre/Downloads/cfrr0824.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2025.

VIDAL, Eudes Mata. Proposta didática baseada no ensino de História e Geografia: aplicação em escolas da região do Cabula para mobilização do turismo de base comunitária. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) - **Programa de Pós-Graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento**, Salvador, 2021, 323f

WADDELL, W. A. Personal Correspondence on Bahian Orange Cultivation. **Riverside: Citrus Research Archive**, 1914.